

A SALA DE ARTES: PRESENÇAS, AUSÊNCIAS E DINÂMICAS NO ÂMBITO DO ESPAÇO DO ENSINO DE ARTES VISUAIS

Mau Menezes ¹
Samira da Costa Sten ²

RESUMO

O presente artigo busca compreender como a existência, ou não, de espaços destinados à educação artística influencia o fazer arte-educativo. Para tal, o autor propõe-se a investigar ambientes utilizados para o ensino de artes, durante o período de seu Estágio Supervisionado em Artes Visuais, realizado pela Universidade Federal da Bahia: uma da rede municipal, com Sala de Artes, e outra da rede estadual, sem esse espaço específico. Com abordagem qualitativa, o estudo articula análise das estruturas físicas e recursos disponíveis com observações participantes, diário de campo, aplicação de questionários a docentes e acompanhamento dos processos e produções artísticas. O referencial teórico apoia-se em pesquisas da pedagogia, arte-educação e arquitetura escolar, abordando a arte como campo formativo, sensível e emancipador. O estudo lança um olhar atento sobre as práticas desenvolvidas em cada contexto, reforçando a importância dos espaços escolares no processo de ensino e aprendizagem das artes visuais.

Palavras-chave: Arte-educação, Sala de Arte, Espaço escolar, Artes Visuais, Práticas artísticas.

INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe-se a investigar os ambientes utilizados para o ensino de artes visuais, a partir da observação de aulas em duas instituições de ensino distintas. Uma, pertencente à rede municipal da cidade de Salvador, possui espaços próprios para as aulas de artes; outra, pertencente à rede estadual da Bahia, não possui espaços voltados às aulas de artes, que ocorrem nas salas de aula convencionais de cada turma. Esta pesquisa busca entender, portanto, como se dá a prática arte-educativa em ambas as instituições, e quais procedimentos são mobilizados pelas partes envolvidas – docentes e discentes – levando em conta a presença e/ou ausência da Sala de Artes.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Desenho e Plástica da Universidade Federal da Bahia - UFBA, mauriciomcastro@gmail.com;

² Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia - UFBA, samira.sten@ufba.br;





O ensino-aprendizagem é um processo relacional, marcado pelo encontro de experiências entre docentes e discentes. No ensino de artes, esse processo é ampliado pelas possibilidades de interações que se estabelecem em sala através das linguagens artísticas, que oferecem modos próprios de ler e significar o mundo. Como destacam Marques e Brazil (2014), ao serem mobilizadas pelo(a) professor(a), essas linguagens favorecem a ampliação da percepção, a construção de sentidos e a ressignificação da vida em sociedade. Essa perspectiva dialoga com Lima (2020) e Palácio (2023), ao reconhecer que educar o olhar envolve não apenas a leitura de obras de arte, mas também das imagens cotidianas — formas, símbolos, gestos, cores e códigos presentes em diferentes suportes e dimensões. Ler imagens, nesse contexto, é um exercício de criação de sentidos, e cabe à arte-educação promover essa mediação sensível entre sujeitos e realidade.

Para além da leitura de imagens, o ensino de arte na educação básica possibilita o exercício da sensibilidade e o desenvolvimento de habilidades; e uma das formas que isto se dá é pelo manuseio e experimentação de técnicas e materiais diversos, como colagem, gravura, desenho, pintura, audiovisual, fotografia, escultura, história em quadrinhos, entre outros, que aguçam os sentidos, provocam sensações e possibilitam expressões.

Tudo isso compõe uma aula de Artes, necessária para o ensino/aprendizagem do aluno, com o poder transformador, capaz de desenvolver a criatividade, a capacidade de solucionar problemas, melhorar a autoestima, e de fazer com que o aluno desafie seus limites e aumente seu repertório cultural e estético (Gonzaga, 2020, p. 12).

Ainda sobre o potencial do ensino de arte de promover uma educação crítica e sensível, Andrade (2020, posição 602-606) reforça seu papel emancipador pela “grande possibilidade de formar para a liberdade, para a autonomia, e não para a ‘coisificação’, enquanto fruto de um desenvolvimento que leva à desigualdade educacional e social”. Para que tal potencial formativo seja atingido, cabe aos arte-educadores(as) desenvolverem possibilidades para que a expressão e experimentação estética aconteçam. Nesse sentido, é necessário pensar não apenas nas estratégias pedagógicas docentes, mas também no próprio espaço físico onde tais processos de ensino e aprendizagem ocorrem.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: SALA DE ARTE, ARTE NA SALA





O espaço escolar, tradicionalmente, é formado por filas de carteiras, de frente para a mesa do professor e para o quadro. Este modelo de configuração da sala de aula, que ainda é o mais adotado na maioria das instituições de ensino brasileiras, “remete à Revolução Industrial, onde se impôs uma organização espacial semelhante à disposição fabril” (Gonzaga, 2020, p. 14) e pode ser relacionado ao controle dos corpos e à manutenção de uma injusta subalternidade das classes trabalhadoras, alienadas e obedientes (Almeida; Canda, 2020), com base em uma perspectiva histórico-genealógica na qual a sala de aula

Está definida tanto pela arquitetura e pelo mobiliário escolar como pelas relações de autoridade, comunicação e hierarquia [...]. Uma vez que a situação de ensino implica uma complexa situação de poder, consideramos que o ensino, como "condução" da sala de aula, pode ser analisado em relação à condução das sociedades e dos grandes grupos (Dussel; Caruso, 2003, p. 37).

Por essa lógica, a escola pode ser entendida como um dispositivo que, ao longo de cinco séculos, pauta a educação como forma de regulação estatal, capitalista e colonial, servindo às suas demandas de ser, saber e poder (Rufino, 2019). No âmbito da educação artística, há ainda o agravante de estarmos inseridos em um contexto geral de desvalorização do ensino de arte, proveniente de um modelo educacional que fragmenta o conhecimento, reproduzindo na escola os valores da nossa sociedade: racionalização exacerbada, sensibilidade atrofiada e trabalho incessante (Menezes, 2024). A fragmentação do conhecimento na escola torna bastante difícil a inclusão real e valorização das artes na grade curricular, uma vez que vemos disciplinas serem consideradas mais ou menos importantes de acordo com o caráter mais ou menos “intelectual”. Portanto se, conforme Palácio (2023, p. 80), “a instituição não pensou a arte como área de conhecimento no processo de formação do indivíduo”, seguindo essa linha de pensamento, também não foram pensados e planejados os espaços para o exercício da educação artística nas escolas. Em vista disso, o modelo convencional de ordenamento dos componentes da sala de aula pode não ser o mais adequado para aulas de artes – não apenas às artes visuais, mas também a outras linguagens artísticas como música, dança e teatro – que, pelas naturezas dos seus fazeres, também necessitam de configurações particulares para serem exercidas plenamente.

Apesar das inadequações e percalços estruturais dos ambientes escolares, não podemos desconsiderar os potenciais estético, pedagógico, social, político e libertador das artes, possíveis através das suas capacidades de humanização e emancipação. Pensando nisso,



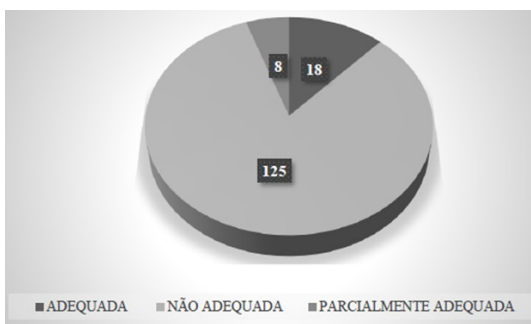


e também nas particularidades e materialidades das práticas artísticas, Berteli (2017), em sua pesquisa sobre o espaço do ensino das artes visuais, defende que a sala de aula de artes deve assemelhar-se a um ateliê, colocando o estudante no local de produtor da criação, vivenciando os processos artísticos e criativos mediados pelo professor em um ambiente que atenda às necessidades da disciplina. A autora acrescenta, ainda, que a Sala de Artes

precisa também de estantes, para expor os trabalhos, ou até varais para permitir que eles sequem, caso for necessário, é importante também armários identificados com a turma, onde ficarão guardados até o dia de levarem para a casa. Mas é claro que só serão guardados depois de expostos, pois vale lembrar que exposição é uma forma de valorização do trabalho do aluno, e a presença dos trabalhos dos alunos no espaço torna-o alegre, criativo e com as características da arte (Berteli, 2017, p. 26-27).

Em consonância com as ideias acima, Gonzaga (2020), em sua pesquisa de especialização, discorre sobre o espaço arquitetônico na arte-educação, que precisa ser elaborado em seus múltiplos aspectos de maneira a propiciar a criação artística e facilitar o aprendizado das artes. A autora afirma ainda ser essencial o “investimento em recursos físicos, humanos e materiais” (Gonzaga, 2020, p. 59), o que nem sempre é uma realidade nas instituições brasileiras, em especial as da rede pública de ensino:

Gráfico 1 - Adequação da estrutura física das escolas municipais de Salvador-BA para o ensino de artes (artes visuais, dança, música e teatro)



Fonte: Dados de 2016/2017, levantados pelo projeto “Arte no Currículo”.

Conforme o gráfico acima, retirado do estudo das Dras. Verônica Almeida e Cilene Canda sobre o ensino de artes em escolas municipais de Salvador (2020), um número expressivo de escolas não possui espaços adequados ao ensino de artes.





À vista disso, a partir deste ponto o artigo passa a apresentar e discutir os registros das práticas artístico-pedagógicas vivenciadas nas duas instituições públicas de ensino durante o estágio de observação.

METODOLOGIA: OBSERVAÇÃO DAS PRÁTICAS E ESTRUTURAS EM CAMPO

PRIMEIRA ESCOLA

Na Escola 1, vinculada à rede municipal de ensino de Salvador, há a disponibilidade de espaços pensados para o ensino das artes: a escola conta com duas Salas de Arte, ainda que, no presente momento da escrita deste texto apenas uma esteja em uso, devido a problemas estruturais. Mesmo assim, a referida instituição oferece condições mais apropriadas para o ensino de artes do que a grande maioria das instituições da cidade, conforme dados apresentados anteriormente. Nesta escola, o estágio de observação foi realizado em turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.

Quanto aos recursos disponíveis, a Sala de Arte em uso conta com dois armários. Um é utilizado para armazenar trabalhos em andamento, pincéis, tintas guache já abertas, esquadros, réguas, compassos, lápis de cor, cartolinas, papéis metro e sulfite, lápis grafite, canetas e outros itens; enquanto o outro contém materiais ainda lacrados, assim como recursos audiovisuais (retroprojeter com acesso *online*) e outros que necessitam de maior cuidado. O ambiente dispõe, também, dos mesmos modelos de carteira utilizados nas salas convencionais da escola, além de três pias e alguns varais dispostos da metade para o fundo da sala – para que os estudantes possam pendurar trabalhos que necessitem secagem – e, nas paredes, estão expostos trabalhos realizados pelos alunos.

Como pontos negativos do espaço, vale citar que, ainda que haja uma estrutura planejada para as práticas, a sala não possui área suficiente para comportar de forma confortável o grande número de estudantes por turma; em vários momentos a presença das pias, em conjunto com a disposição das carteiras, traz certa dificuldade à circulação dos(as) alunos(as) e, principalmente, do professor. A ausência de aparelhos de ar condicionado também é um problema, devido ao calor.

SEGUNDA ESCOLA





Na Escola 2, vinculada à rede estadual de ensino da Bahia, não há ambientes próprios para a realização das aulas de artes visuais. Sendo, portanto, uma experiência diferente da estudada anteriormente, fez-se necessário constatar como, na ausência da Sala de Artes, é possível viabilizar as práticas necessárias ao currículo. Neste colégio, o estágio de observação foi realizado em turmas de 2º e 3º anos do Ensino Médio.

A maioria das salas de aula da referida instituição, embora variem em área, possuem a mesma estrutura básica: são amplas e dispõem de quadro branco com pilotos, carteiras com cadeiras para os(as) estudantes, mesa e cadeira para uso docente. Há também algumas salas diferenciadas (laboratórios) para fins do Ensino Técnico integrado ao Ensino Médio, por exemplo.

As aulas de artes, em geral, acontecem nas próprias salas de aula de cada turma, o que leva o Professor 2 a deslocar-se de uma a uma, de acordo com a grade horária do colégio. Um dos laboratórios, que conta com uma televisão de grande porte, além de bancada e pia, costuma ser utilizado pelo docente para aulas expositivas com recursos audiovisuais, apresentações de trabalhos e outras demandas semelhantes; e em algumas ocasiões, também como uma espécie de substituta para a Sala de Artes:

Geralmente uso as 'salas comuns' para parte teórica ou dinâmicas que não exijam uso de materiais específicos. Temos algumas salas equipadas com TVs, Chromebooks, PCs nos laboratórios técnicos, projetores. [Para aulas práticas, trabalhos com grandes suportes ou formatos maiores ou atividades tridimensionais] geralmente vamos para sala específicas (química, multifuncional, laboratório de informática); creio que a Sala Multifuncional tem cumprido esse papel [de Sala de Artes] por oferecer ambiente arejado, pia (Professor de Arte 2, 2025, Entrevista).

Sobre os materiais usados nas aulas de arte, o docente relatou que são providenciados pela direção do colégio “de acordo com a verba disponível para escola e aproveitamos também os projetos para organizar materiais que sejam necessários” (Professor de Arte 2, 2025, Entrevista), destacando também o desafio encontrado para a administração destes recursos, que, muitas vezes, estão sujeitos ao excesso de burocracia, atraso de fornecedores e limites orçamentários. Há um armário para guardá-los, em uma recinto que, ainda segundo o Professor 2 (2025, Entrevista), “‘seria’ a Sala de Arte; dividida, por enquanto, com os funcionários”.





RESULTADOS: DINÂMICAS ARTE-EDUCATIVAS EM CADA ESCOLA

Durante o período de observação na Escola 1, foi possível acompanhar as atividades teóricas e práticas propostas pelo professor, no espaço da Sala de Artes, incluindo aulas expositivas e trabalhos com desenho e pintura.

Imagens 1 e 2 - Atividades na Sala de Artes na Escola 1



Fonte: Acervo do autor.

Sobre o desenvolvimento das referidas atividades, o Professor 1 destacou:

Uso tanto para aulas teóricas quanto para aulas práticas. Eles gostam [da Sala de Artes] porque quebra a rotina; eles precisam sair da sala deles. Sinto que o engajamento das turmas tem total relação com a existência da sala e dos materiais. Trabalhei em escolas que não tinham isso e a solução era, muitas vezes, pedir para fazerem os trabalhos em casa. Todo professor de Artes deveria ter uma sala para trabalhar melhor (Professor de Arte 1, 2025, Entrevista).

Na Escola 2, foi possível, durante o período de campo, acompanhar atividades teóricas como apresentações de seminário e aplicações de prova, e também atividades práticas, graças ao projeto da gincana junina, que mobilizou os corpos docente e discente da instituição durante a quinzena anterior ao recesso de São João. As atividades, que culminaram em apresentações e exposições na programação da festa junina do colégio, foram realizadas em coletivo pelos estudantes de cada turma, que, organizados em grupos, precisaram dar conta da confecção de tarefas recebidas: criação de estandartes inspirados em músicas de forró indicadas pelos professores; elaboração de painéis juninos de tema livre, afixados nas áreas



externas das salas; e confecção de dois figurinos típicos por turma, com materiais sustentáveis ou recicláveis, para um desfile coletivo.

Em todas as etapas, foi incentivada a autonomia dos(as) estudantes na gestão dos processos de criação. A escola forneceu *kits* básicos de materiais, mas cada turma pôde ampliar os recursos de forma colaborativa. A organização das tarefas também ficou sob responsabilidade coletiva, com acompanhamento dos professores, especialmente o de Artes. Os(as) alunos(as) transformaram as próprias salas de aula em espaços de criação improvisados, mesmo com restrições de espaço e mobiliário não totalmente adequados à prática artística. Soluções temporárias como reorganização de mesas, carteiras e cadeiras, juntando, empilhando ou afastando-as quando necessário, movendo e adaptando de acordo com a atividade ou tamanho dos suportes; muitas funções (como cortes, colagens, pinturas, papietagem e outras) foram realizadas diretamente no chão da sala; maçanetas e/ou puxadores tornaram-se ganchos para prender cordões, barbantes, etc.

Imagens 3, 4 e 5 - Gerência do espaço pelos(as) estudantes, para os trabalhos de artes



Fonte: Acervo do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos elementos e registros reunidos durante o estágio de observação com pesquisa, foi possível perceber os procedimentos artístico-pedagógicos ocorridos nas referidas instituições de ensino.

Na Escola 1, a Sala de Artes se mostra um ambiente importante para o ensino de artes visuais. Dados levantados em entrevista ao Professor 1 concluem que as Salas de Artes, apesar dos problemas que decorrem, principalmente, de questões orçamentárias da rede municipal de ensino como um todo, foram um projeto abraçado ao longo dos anos por professores e gestores da escola, e que tem dado bons frutos: um melhor aproveitamento, por parte dos(as)





estudantes, dos conteúdos curriculares de educação artística, possibilitando a execução satisfatória das atividades propostas pelo docente de forma mais tranquila, pois a organização do espaço foi pensada para tal.

Na Escola 2, a ausência de uma Sala de Artes denota uma conjuntura comum à educação artística na maioria das instituições públicas de ensino da cidade, que não são projetadas para dar conta das reais necessidades e especificidades do componente curricular. Contudo, para além do uso pontual de outros ambientes (laboratórios, sala multifuncional, pátios, auditório e quadra, por exemplo), quando necessário realizar uma ação artística abrangente e simultânea, tanto o corpo docente quanto o corpo discente do colégio demonstraram grande capacidade de formular estratégias de gerenciamento e adaptabilidade, utilizando os meios disponíveis com muita criatividade para dar conta das propostas arte-educativas.

Assim sendo, embora sob diferentes condições e perspectivas no que diz respeito às implicações dos espaços físicos, recursos e estruturas disponíveis para a realização das aulas de artes, o ensino de arte se mostrou igualmente assertivo e valioso em ambas as instituições estudadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Verônica Domingues; CANDIA, Cilene Nascimento. Ensino de artes em escolas municipais de Salvador-Bahia: retratos da precarização do trabalho docente. **Práx. Educ.**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 41, p. 389-411, 2020. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792020000500389. Acesso em 20 abr. 2025.

ANDRADE, Euzania. **A Arte Tecendo Fios Para uma Educação Sensível**. 1. ed Campinas: Editora Alínea, 2020. 158p. *E-book*.

BERTOLI, Gabriela Recco. **O espaço e o lugar do ateliê no ensino da arte**. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura em Artes Visuais) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/5866>. Acesso em: 19 abr. 2024.

DUSSEL, Inês e CARUSO, Marcelo. **A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar**. São Paulo: Moderna, 2003.

GONZAGA, Silvia Maria Monteiro Alves. **O espaço arquitetônico no ensino de artes visuais**. Monografia (especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo





Horizonte, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/34320>. Acesso em 20 abr. 2024.

LIMA, Rafael Correia. **Leitura de Imagem**: Vamos ler um pouco mais? 1. ed. Rio de Janeiro: Caminhos Editora, 2020. 50p. *E-book*.

MARQUES, Isabel A.; BRAZIL, Fábio. **Arte em questões**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

MENEZES, Mau. O ensino do Bordado Livre enquanto estética e linguagem visual: uma análise de oficinas artísticas. **XX ENECULT** - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2024, Salvador - BA. Anais. Disponível em: <https://cult.ufba.br/enecult/edicao-2024-xx-enecult>. Acesso em: 07 out. 2024.

PALÁCIO, Marcos. **Arte e Educação**. 1. ed. Votuporanga: Editora FATEC, 2023. 113p. *E-book*.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas: Exu como Educação. **Rev. Exitus**, Santarém, v. 9, n. 4, p. 262-289, out. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2019v9n4id1012>. Acesso em: 29 jun. 2024.

